

A noção de subjetividade de Émile Benveniste e as dramáticas de usos de si na atividade de trabalho

Autor: Diego Vilanova Titello

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marlene Teixeira

Instituição: Unisinos

Grande Área de Conhecimento: 8.00.00.00-2 – Linguística, Letras e Artes

Área de Conhecimento: 8.01.00.00-7 – Linguística

Este estudo está vinculado à pesquisa *A linguística da enunciação e o campo aplicado: um estudo da subjetividade na atividade do profissional de enfermagem*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, que faz dialogar a teoria da enunciação de Émile Benveniste (1988, 1989) e a perspectiva ergológica de reflexão sobre a atividade de trabalho de Yves Schwartz (2000). De acordo com Schwartz, a atividade de trabalho é definida como lugar de uma *dramática de usos de si, uso de si por si e uso de si pelo outro*. Queremos mostrar que o estudo da enunciação pelo paradigma benvenistiano constitui uma via possível de acesso a essas dramáticas, pois considera que é na e pela enunciação que o sujeito se constitui. Do vasto campo da reflexão benvenistiana, focalizamos a atenção no escopo da noção de subjetividade. Nos primeiros textos que tratam dessa questão, Benveniste parece promover uma dicotomia entre palavras que indicam subjetividade, isto é, não existem senão em relação ao “aqui-agora” do locutor (eu, tu, aqui, agora), e palavras empregadas no “uso cognitivo da língua” (casa, tulipa, carro). Isso se deve à divisão dos pronomes feita pelo autor em: *pessoa*, categoria linguística que se constitui na e pela enunciação, e *não-pessoa*, categoria que representa a face objetiva da língua. Uma leitura transversal de Benveniste, no entanto, revela que essa dicotomia não se sustenta, isto é, a subjetividade não se restringe aos índices clássicos *eu-tu-aqui-agora*. Em “O Aparelho Formal da Enunciação”, o linguista abre a via para uma outra possibilidade de interpretação, quando afirma que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro”. Os índices específicos correspondem aos chamados indicadores de subjetividade. Em relação aos procedimentos acessórios, muito há a investigar. De qualquer modo, como Benveniste, nesse texto, coloca a referência (não-pessoa) como parte integrante da enunciação, percebe-se que a dicotomia subjetivo-objetivo desaparece. A partir desse texto, pode-se afirmar que a subjetividade está marcada em toda a língua, sendo observável na inter-relação de palavras no discurso. Nosso propósito é investigar como os procedimentos acessórios materializam as dramáticas de uso de si em interlocuções entre profissionais de enfermagem em passagens de plantão no cotidiano de um hospital.